

# **PROPOSTAS DE USO DE “DIÁRIOS” NARRATIVOS DE AULA EM ESTUDOS EDUCACIONAIS E DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DOCENTE: SEU USO NO LICEU PIAUIENSE EM PROFESSORES DE HISTÓRIA**

**Jurandir Gonçalves Lima<sup>i</sup>**  
**Antonia Edna Brito<sup>ii</sup>**

**Resumo.** O artigo propõe reflexões e análises em torno das possibilidades de usos de “Diários Narrativos” de aula em estudos relativos ao campo educacional docente, sobretudo, concentrando esforços de análises nas práticas pedagógicas dos professores como mecanismo de produção e construção de dados empíricos a partir da incorporação destes como fornecedores de informações primárias para pesquisas no campo da educação. O texto ainda busca contemplar análises quanto aos usos destes instrumentais como metodologias e estratégias de formação e auto-formação de profissionais da docência. Como se trata de método/técnica por nós utilizado na nossa pesquisa de campo com vistas a caracterizar as práticas pedagógicas dos professores de história, e, no seu interior, as concepções de ensino e aprendizagem subjacentes a estas práticas, num grupo de professores interlocutores na Escola Liceu Piauiense, entendemos por bem, lançar algumas impressões deste estudo, observando a sua “dupla função” apontada por diversos estudiosos da educação, embora este estudo ainda esteja em fase de andamento, o que nos leva a esclarecer que algumas considerações aqui apresentadas ainda são preliminares e/ou passíveis de novas interpretações. A base teórica conceitual, metodológica, portanto, de fundamentação foi construída a partir de estudos como os de Jossó (2004a, 2004b), Souza (2005, 2006), Bolívar (2004), Zabalza (1994), Nóvoa (1995, 1999, 2000), Alves (1997), entre outros.

**Palavras chave.** Diários Narrativos. Reflexividade. Formação Docente.

## **Contextualizando o uso teórico, metodológico e conceitual dos diários narrativos**

A elaboração de um texto de apresentação dos “diários” de aula, como método/técnica de construção (coleta) de dados, via registros das ações/situações vividas pelos professores no cotidiano da sala de aula, assim também como instrumental de reflexão e auto-desenvolvimento profissional, nos fez recorrer a alguns teóricos que abordam. A escolha do temário “diário” narrativo, deu-se por entendê-lo como uma fonte de estudo “inevitável” para pesquisadores, formadores de educadores e professores que querem e pretendem lançar ações reflexivas sobre o cotidiano docente, tendo os registros em “diários” como objetos de estudo. Dentre a vasa bibliografia que aborda a questão recorreremos prioritariamente à Jossó (2004a, 2004b), Souza (2005, 2006), Bolívar (2004), Zabalza (1994), Nóvoa (1995, 1999, 2000), Alves (1997).

Como um dos objetivos deste artigo consiste em demonstrar a dupla função do uso dos “diários” narrativos de aula no contexto educacional, seja como fonte primária

para pesquisadores das questões relativas às narrativas de vida profissional docente ou seja como instrumentais de fomento reflexivo dos professores como elemento auto formador e produtor de profissionalidade, tratamos de sistematizar sua organização de abordagem a partir de uma introdução à temática, depois trabalhamos o seu conceito; os elementos teóricos e metodológicos relativos à sua redação; os seus contributos investigativos e seu impacto no desenvolvimento pessoal/profissional dos professores e analisamos ainda as precauções metodológicas e a dimensão ética a serem tomadas quando se recorre a este instrumental como objeto de estudo. Por fim, uma vez tomando esta distribuição, passamos a analisá-los à luz da nossa temática de estudo.

### **Em busca de um conceito de “diário” narrativo**

O conceito de “diário” de aula foi formulado a partir do contributo de diversos autores, sendo assimilado por Alves (1997, p. 2) como uma espécie de "pensamento em voz alta escrito num papel" (Yinger e Clark, 1988: 176; Angulo, V., 1988: 201), por onde o pesquisador procura obter “uma informação escrita sobre aquilo que os professores pensam durante o processo de planificação ou durante qualquer outro tipo de atividade por eles desempenhada” em sala de aula ou no interior da escola, ou até mesmo fora dela, desde que se relacione com a sua condição profissional e pessoal.

Para Alves (1997, p. 3-4) o fato de escrever o diário, inicialmente, apresenta-se como “uma tarefa nova e até mesmo difícil”, sendo que pouco tempo depois, os professores passam a encontrar na sua redação e registro uma ferramenta muito útil nos seus processos de desenvolvimento profissional e superação de seus dilemas, assim como também de outras situações rotineiras do cotidiano docente.

### **Diários: de fontes de pesquisa a importante instrumental auto-formador docente**

Para Alves (1997, p. 4), o “diário” de aula fornece um registro de esforço quotidiano para gravar a contínua mudança do presente, e nele deve-se considerar como objeto de registro as experiências pessoais e observações passadas em sala de aula, ou que a ela se relacione, identificando o registro como um documento pessoal, “em que o sujeito que escreve inclui interpretações, opiniões, sentimentos e pensamentos, sob uma forma espontânea de escrita, com a intenção usual de falar para si mesmo”. Lembrando

que, os “diários” também podem ser utilizados como fontes de pesquisa das situações vivenciadas pelos professores no cotidiano do chão da sala de aula, por pesquisadores da educação e da formação profissional docente. Neste caso, os “diários” transpassam a condição de constituírem um dos tipos de documentos de foro pessoal e, portanto, particular. Ou seja, de simplesmente, refletirem o “retrato” e as condições evidenciadas de uma forma detalhada de quem os escreve, transformam-se em fonte de estudo para os próprios professores, via reflexão, e também transformam-se em fontes de estudos para outros pesquisadores.

Já Bolívar (2001), aponta que por tais motivos (método/técnica de construção de dados e como instrumental auto-formador), a escrita de “diários” de aula para os próprios professores, pode e deve converter-se em uma importante fonte de descoberta e de desafio para si e para o seu contexto profissional. Ou seja, como forma de testemunho (auto) biográfico, o “diário” narrativo de aula do professor, pode e deve contribuir para “iluminar” crenças e concepções de ensino e de aprendizagem que docentes são portadores, levando-os a tomada de posição reflexiva com vistas a produzir propostas de mudança “positivas”, tanto nos seus aspectos pessoais como profissionais, já que a figura da pessoa e do professor não se dissociam via de regra no dia a dia deste(s) sujeito(s). (NIAS, 1991, in NOVOA, 1992).

Os diferentes teóricos pesquisadores do uso dos “diários” por nós pesquisados apontaram a “dificuldade de registros” nos diários como uma das principais barreiras a serem superadas na utilização deste método/técnica com dupla função no contexto educacional. Dificuldade esta que podemos constatar *in loco*, pois, dentre as várias desculpas apontadas para não se comprometer com os registros e com as (auto) reflexões, o elemento “falta de tempo” povoaram a diversidade de argumentos apontados pelos nossos atores interlocutores para não passá-los em registros no papel as situações *sui generis* vivenciadas em sala de aula. Estas dificuldades e resistências para efetuarem registros reflexivos por escrito nos levou a outra conclusão: ao observar e acompanhar o uso desta ferramenta/metodologia durante o processo de construção dos dados e depois quando os recolhemos, podemos constatar que os professores interlocutores do estudo, demonstraram (uma certa ) “preguiça mental”, que por sua vez, se estende para uma espécie de “preguiça de escrita”. Por esta condição percebemos portanto um ato docente antagônico, qual seja, o professor pedir o alunado para ler, refletir e escrever, quando ele próprio não tem o hábito e a cultura de fazer isto.

## Os elementos teóricos e metodológicos para a sua elaboração

A respeito da redação e dos contributos investigativos do uso de “diários”, Alves (1997) levanta um questionamento - existem algumas características da redação do diário, em geral, que o convertam em método especialmente adequado para a recolha/construção de dados em contextos/pesquisas educacionais?

Nós o tomamos “emprestado” aplicando-o ao nosso estudo, já que os interlocutores da nossa pesquisa, tiveram dificuldades neste item, apesar de termos elaborado um texto de três laudas com vistas a auxiliá-los no entendimento da proposta de trabalho com aquela ferramenta (o diário), assim como também do que era ou não passivo de anotações.

Além de explicar pessoal e individualmente a dinâmica de funcionamento do uso dos “diários” (depois do convite para participar do estudo), e mesmo tendo levado aos interlocutores um “caderno” – identificado como “Diário narrativo de aula” - onde deveriam ser anotadas as lembranças (fragmentos de memória) e as reflexões em torno destas, nele contendo o termo de esclarecimento de participação na pesquisa; um texto com a descrição da pesquisa e das ferramentas de construção de dados (questionário, roteiro da entrevista e diários narrativos de aula); uma síntese do projeto contendo a caracterização de suas partes componentes; o questionário; as questões da entrevista, e por fim, um texto fundamentando o uso dos “diários” e todas as partes etapas da pesquisa (todos explicitados nos anexos da dissertação), mesmo assim, ocorreram problemas nos registros. Estes problemas foram por nós qualificados como “equivocos” de registros e demonstraram “em tese” um certo “desconhecimento” desta ferramenta como instrumental de uso em estudos educacionais, contribuindo também o fato deste ser um instrumental relativamente novo aqui no Brasil, embora os autores consultados apontarem experiências com o seu uso aqui e, principalmente, na Europa.

O que podemos observar foi que, embora tendo dificuldades de compreensão, os interlocutores não leram o texto que elaboramos e colocamos à sua disposição (legitimando em partes a tese da “preguiça mental”), comprometendo a qualidade do que escreveram dentro do que se propunha para a ferramenta e a para a pesquisa. Quando escreveram (pouquíssimo, legitimando a tese da preguiça de escrita),

escreveram ainda confundindo esta ferramenta com o “diário” de classe (aquela também denominada de caderneta: com a frequência, conteúdos e notas dos alunos).

Voltando à questão anteriormente levantada (existem algumas características da redação do diário, em geral, que o convertam em método especialmente adequado para a recolha/construção de dados?), os estudiosos da temática citados apontam que o que deve ser registrado nos diários pelo professor é produzido ao longo do tempo da ação docente, e compreendem, via de regra, ações involuntárias ocorridas em sala de aula, mas, que de alguma forma, despertaram a atenção do professor para o seu registro e a sua reflexão (análise). Podendo compreender ainda essas anotações, situações relativamente novas, ocorridas no decorrer daquele dia ou daquela semana, já que as anotações devem ser feitas preferencialmente pouco tempo depois de ocorridas as “situações circunstanciais” selecionadas pelo professor como fato/ação passiva de reflexão, e tomada de consciência (reflexão) em relação ao ocorrido (ALVES, 1997).

No caso do nosso estudo, a aplicação deste instrumental, pode por nós ser definida como, relativamente “comprometedora”, ou passiva de “reorientação de análise” categórica no uso desta na nossa pesquisa, pois, em alguns casos, os interlocutores só fizeram as anotações e reflexões algum tempo depois, inclusive já fora do tempo previsto.

Mesmo assim, estas situações *sui generis* que ocorreram e marcaram sobremaneira a utilização deste instrumental de construção de dados na nossa pesquisa, não foram por nós “omitidas” no relatório de pesquisa. Pelo contrário, serviram-nas duplamente como fonte de análise em nosso trabalho, já que os próprios “percalços” ocorridos em torno desta metodologia, também acabou por se tornar nosso objeto de estudo e de reflexões. Situação esta que não estava prevista e que, portanto, não fazia parte dos nossos objetivos em relação aos diários, mas que acabou se transformando numa importante fase de análise que compôs o nosso relatório final. Tal situação, de forma já antecipada, nos “alertando” para empreitadas posteriores, tanto no exercício da docência, como na caminhada de pesquisador em “eventual” proposta de doutoramento.

Voltando mais uma vez à questão da redação dos diários, Alves (1997), sugere que, embora possa sofrer (re) orientação, a redação do “diário” seja estruturalmente formal, em duas colunas se possível, não impedindo com isso, a espontaneidade e a pessoalidade no trato da seleção e registro de seu conteúdo por parte do professor interlocutor. Na elaboração e sua redação, sugere-se que o professor contemple o seu

registro, com anotações simples ou abreviadas, no momento em que as idéias venham às suas mentes, em duas colunas: a da esquerda para o registro da idéia e dos pensamentos inerente a ação ocorrida na aula, e, a na coluna da direita, os pensamentos e reflexões sobre o processo de execução da ação docente (BOLÍVAR, 2004). Sendo que, as reflexões compreendem uma das principais fases e funções do uso dos “diários” de aula para os professores, uma vez que, correspondem ao momento de desenvolvimento profissional via “reflexão da ação”, para dela tirar ensinamentos, de modo a melhor se posicionar no exercício da docência diante de situações “reais”, “concretas”, mas, relativamente inesperada, da qual “o professor já pode estar previamente, preparado a se deparar”. (ZABALZA, 1994, p. 94).

### **O uso de Diários no desenvolvimento profissional docente**

Outro ponto importante de análise em torno dos “diários” narrativos diz respeito ao uso destes em processos de desenvolvimento profissional docente e, portanto de auto formação. Segundo Alves (1997, p. 231) “quando um professor se ‘retrata’ na escrita de um diário, este reveste-se de uma função terapêutico-catártica, ao mesmo tempo que deixa emergir uma diversidade de problemas”. Pode ainda, os professores, passarem de uma posição “protetora” a uma posição “exploratória” em relação à investigação sobre o seu processo de ensino e de conseqüente desenvolvimento profissional, via reflexão/incorporação de aprendizagens tiradas da análise das situações vivenciadas em sala de aula e que de alguma forma suscitou reflexão do professor. Com isso, chegamos à conclusão que os professores que elaboram “diários” se tornam notoriamente mais reflexivos e autocríticos que aqueles que o não fazem, portanto, mais definidos e resolvidos profissionalmente, afirma Alves (1997).

Sobre o impacto do uso de diários sobre o desenvolvimento pessoal/profissional dos professores, o mesmo autor, aponta alguns relevantes do seu uso: “primeiro, o diário mostrou proporcionar um recurso pedagógico eficiente; segundo, o diário pode ser um instrumento válido de avaliação; terceiro, e talvez de maior importância, a estrutura formal do diário provou ser flexível e adaptável, capaz de servir para uma série de fins complementares na formação e desenvolvimento dos professores” (p. 232).

Como o nosso objetivo na pesquisa consiste em caracterizar as práticas pedagógicas dos professores de História no ensino médio e, no seu interior, descobrir as

concepções de ensino e de aprendizagem subjacentes a estas práticas em qualquer fase da carreira, vindo a produzir assim a sua profissão docente, utilizamo-lo como instrumento de construção de dados, por entendermos que ele é uma ferramenta útil para estimular a prática crítico-reflexiva dos professores através da busca de “fragmentos de memória” relativos à sua atuação docente, fragmentos estes agora passivos de reflexão sobre sua própria prática.

Assim, os diários narrativos puderam proporcionar aos docentes - professores de História da Escola Liceu Piauiense - a oportunidade de registrar suas impressões sobre a sala de aula de forma objetiva e subjetiva, embora o que veio de fato a acontecer, de certa forma, tenha se distanciado do que encontramos nos autores que fundamentaram o estudo desta ferramenta. Este distanciamento foi por nós entendido, como uma das possibilidades da ocorrência de “variáveis” que empreendem dificuldades de realização de determinados estudos.

Em que podem servir os diários de classe, como instrumento de registro de situações “reais”, atípicas ou não, tanto para professores, quanto para pesquisadores?

Nesta pesquisa, a elaboração de narrativas profissionais, via registros em diários de aula, como uma oportunidade de registro docente sobre sua própria prática, representa a oportunidade de indagação e reflexão necessária para a aprendizagem da profissão pelos professores (SOUSA, 2003), uma vez que o desenvolvimento profissional docente não se dá apenas através de cursos de formação inicial ou continuada (treinamentos, capacitações, especializações, mestrados ou doutorados). Passa também, necessária e obrigatoriamente, *na e pela* reflexão das práticas e ações do professor no seu dia-a-dia (uma importante e imprescindível condição para o processo de desenvolvimento profissional). Os diários de classe representam o espaço e o meio ideal para o professor registrar as ações e situações com eles ocorridos no exercício da profissão. Embora, tenhamos plena convicção que a aprendizagem da profissão, e o seu respectivo desenvolvimento profissional, também compreenda processos mais complexos de formação continuada, que se dá via de regra, em cursos de pós-graduação em nível de especialização, mestrado e/ou doutorado.

Para Sousa (2003) a possibilidade de desenvolvimento profissional, é muito pessoal e particular, portanto, compete ao próprio professor, e dele depende o caráter da intencionalidade e o significado dessas experiências. Assim, o uso dos diários permite tanto ao pesquisador como ao pesquisado, que o mesmo se mova com certa

flexibilidade na análise de como se agiu diante de determinada situação no interior da sala de aula, num momento em que o professor precisa agir rapidamente e não disponibiliza de muito tempo para fazer essa ação/reflexão, uma vez que as situações em sala de aula demandam respostas rápidas e precisas. (ZABALZA, 1994).

Os diários permitem que se façam reflexões, mesmo que posterior, de como o professor se comportou diante de determinada situação, propiciando uma reflexão crítica sobre essa situação e sobre as futuras, já que a todo instante o profissional da docência se depara com situações inéditas em sua ação docente. Os diários permitem reavaliações, presentes e futuras, dos professores no âmbito dos conceitos internalizados, das técnicas utilizadas m sala e das práticas pedagógicas costumeiramente gerenciadas no interior da sala de aula, sem muito tempo para pensar.

### **Preocupações metodológicas**

Por fim, faz-se necessário avaliar as precauções metodológicas e as dimensões éticas relativas ao uso dos diários. Zabalza (1994) entende que as “preocupações” com o uso dos diários, sustentam-se nas precauções técnicas e precauções de contextualização pragmática. Sendo que, no primeiro caso, referem-se, sobretudo, à validade dos diários, que, por um lado, se centra no problema da representatividade (não amostral, mas significativa) das unidades textuais recolhidas no diário e, por outro, na incidência da reatividade no processo de elaboração do diário. Quanto às questões éticas, parte do debate em torno do uso dos diários, gira em torno da privacidade e ou publicidade das situações ali registradas, uma vez que o que ali se fez constar, não incomoda o professor na sua observação, mas pode vir a ferir alguns interesses dos vários atores que compõem o universo educacional escolar formal.

Embora defenda a liberdade do professor na elaboração e construção dessas narrativas como instrumento de reflexão e de desenvolvimento profissional, Zabalza (1994), sugere que o pesquisador apresente, inicialmente aos professores, a idéia de que os diários são documentos de expressão pessoal do narrador e, por ele permite-se, a partir dos registros, provocar reflexões, explorando a sua própria atuação, levando o professor a fazer uma auto-avaliação sobre o seu trabalho, sobre a sua ação/atuação, em sala de aula. Ou seja, pelas anotações e sua reflexão, os diários, servem para que os

professores possam socializar as suas práticas construtivas e aperfeiçoar aquelas onde se detectou falhas.

Embora tenhamos recomendando alguns pontos e questões importantes que os professores devessem anotar/registrar/relatar/refletir, contrariando o que defende Zabalza (1994, p.110), já que para ele “é necessário que a exposição fique em aberto e não se dê orientações de procedimentos para que o próprio diário expresse o estilo pessoal do professor” consideramos importante que eles ficassem a vontade para fazer o registro de toda e qualquer ação/situação que os mesmos desejassem ali fazer constar, uma vez que os diários fora colocados como instrumentos de anotação/registo particulares dos professores voluntários da pesquisa. Repito, foi diante desta “liberdade”, assim como também da relativa “incompreensão” (teórica, metodológica e conceitual) dos elementos que deveriam envolver os registros nos diários, que “talvez” tenha ocorrido anotações “equivocadas”, portanto, “inexpressivas” no início dos registros para o que propomos em relação a esta metodologia. Mesmo que, percebendo estas “circunstancias”, tenhamos utilizado esta condição como elemento de análise e de reflexão em torno das dificuldades que poderiam ocorrer na aplicação de qualquer um de nossos instrumentos de construção de dados ou ainda em qualquer outra fase da pesquisa, como de fato ocorreu.

Sobre este ponto da orientação, Zabalza (1994, p.110) reconsidera e faz ressalvas no sentido de que pode “ser conveniente orientar um pouco mais o professor para que contemple as dimensões: referencial (relativas às tarefas realizadas) e expressiva (relativas às impressões dos sujeitos envolvidos), de modo ao diário não perder o seu papel no estudo”.

Pensando nisso, passamos a propor alguns pontos que julgamos ser considerados, não necessariamente acatados como uma “camisa de força”, pelos professores (voluntários) quando do registro narrativo escrito nos diários de situações vivenciadas no interior da prática docente e que os mesmos julgaram importante registrar.

Pensando neste aspecto, embora contrariando orientação inicial de Zabalza (1994, p, 10), mesmo que o mesmo tenha feito algumas ponderações, passamos a apresentar o que sugerimos que os nossos interlocutores da pesquisa refletissem para efeito de registro nos diários, tais sugestões objetivaram propor “centralidade e direcionamento nas anotações”:

**Recomendações: o que deverá ser objeto de estudo/análise nos diários:**

Aos professores voluntários e interlocutores da pesquisa sugere-se/sugeriu-se fazer constar/registrar/refletir nas anotações dos diários, sempre que julgado importante: o que é/foi trabalhado e como foi trabalhado com os alunos no dia a dia em sala de aula; registrar as reflexões feitas a partir do trabalho realizado, observando o que deu certo ou não na aula, o que aconteceu e que não estava previsto, o que gostou ou não gostou e o que mudaria; registrar situações “habituais” e “atípicas” ocorridas, na relação professor-aluno, na sala de aula, na escola ou em qualquer lugar desde que a elas se relacionem; anotar situações “habituais” e “atípicas” (*sui generis*) ocorridas, na relação professor e outros funcionários da escola, inclusive colegas de docência, na sala de aula, na escola ou em qualquer lugar desde que a elas se relacionem; as situações pessoais que você considere influenciar de alguma maneira no exercício da profissão docente, quaisquer que sejam elas; situações que evidencie possibilidades, limitações, dilemas relativo ao exercício da profissão docente nas múltiplas relações entre os professores e todos aqueles que compõem o universo escolar formal: a escola; relação pessoal e profissional com alunos e companheiros de serviço; experiências: (emoções, acertos, erros, dúvidas, temores, glória, limitações e superações); ações e práticas pedagógicas; situações de ensino-aprendizagem; situações e estratégias didáticas; projetos pessoais e profissionais; anseios, aptidões e desejos; angústias e dilemas que se depara cotidianamente; objetivos educacionais e pessoais; modelos e organização de aula e de tarefas; comportamento dos alunos; relacionamento profissional; investimento profissional; utilização de recursos didáticos; pensamentos e emoções; em fim, rotinas e hábitos, entre outras situações. Os registros não podem e nem devem representar apenas lembranças do passado relativas ao ato professoral/pessoal, mas sim e, obrigatoriamente, deve suscitar representações que caracterize via reflexão, processos de construção ou reconstrução positiva da ação docente, pensada sempre em detrimento da melhoria da atuação profissional.

### **Recomendações: não será necessariamente objeto de registro/reflexões nos diários**

Os professores interlocutores voluntários do estudo não necessitam fazer constar nas anotações dos diários: os conteúdos do currículo da disciplina ministrados a cada aula; o horário de chegada e de saída à escola ou à sala de aula; notas de alunos;

atividades ministradas em sala ou para casa; compromissos pessoais e outras anotações características do diário de aula, mais conhecido como “caderneta de notas”.

### **(In)conclusões**

Os diários narrativos de aula representaram um importante instrumental de construção/elaboração/coleta de dados para o nosso estudo (para o pesquisador), mas foram sobretudo, importantes instrumentos de “reflexão” da prática, da ação e da profissionalização dos nossos interlocutores/professores/sujeitos do estudo. Onde através das anotações e sua conseqüente reflexão, puderam (nós e eles) produzir “plataformas construtivas” sólidas com vistas ao desenvolvimento profissional docente. Já que permitiu ao professor trabalhar, através da análise e da reflexão, a sua própria prática (ZABALZA, 1994, p. 103), levando-o a buscar saídas “alternativas” para determinadas situações vivenciais no ato docente.

No nosso estudo, o uso dos diários narrativos não tiveram por objetivo caracterizar a qualidade ou o nível de comprometimento profissional do professor com a docência. Sua construção ocorreu durante um período letivo, algo equivalente a aproximadamente cem dias letivos ou quatro meses de duração dos registros. Nos diários, os nossos interlocutores puderam registrar aquilo que se passou em sala de aula (ou a ela relativo), neste registro o principal critério foi julgar este fato/fenômeno passivo de reflexão e registro. Neste instrumental como nos demais instrumentos de construção de dados, foram preservados o anonimato da fonte na fase de publicização dos resultados obtidos, ou seja, nos relatórios que passaram a compor o nosso texto dissertativo final.

Durante o período de construção das narrativas, via registros no diário, foram realizadas entrevistas com os professores voluntários, objetivando não só subsidiar a construção de dados, mas, sobretudo, tornar mais confiante o contato entre os sujeitos da pesquisa (os professores) e o pesquisador, de modo a interagir facilitando a sua elaboração, acompanhando (“fiscalizando”) a sua construção e tirando eventuais dúvidas dos professores pesquisados. (ZABALZA, 1994, p, 104). Nesta fase dirimimos algumas dúvidas dos professores, sobretudo reorientando-os para análise mais substanciais dentro do que se propunha, embora alguns interlocutores (dois deles) não tenham conseguido reorientar essas reflexões e continuaram fazendo análises do diário

narrativo como se fosse o diário de sala de aula, mesmo tendo ocorrido visitas e encontros intermitentes de negociação, de comentários, de diálogos e de troca de experiências (SOUZA, 2007; NÓVOA, 2000). Tal condição me fez observar como profissionais que, em tese, devem estar aberto a negociações, fecham-se em suas concepções de forma “ortodoxa”, embora se propunham a ensinar aos seus alunos aquilo que, eles próprios, via de regra, não estão preparados a fazer.

Levando-se em consideração a possibilidade da argumentação de “cansaço”, “acúmulo de tarefas” ou da “falta/dispensa do tempo” para a realização de outras ocupações, aos professores voluntários sugeriu-se fazer pelo menos dois registros semanais, procurando variar os dias de anotações de uma semana para a outra. E ainda, caso preferissem fazer registros cotidianos, diários, deveriam ficar a vontade. (ZABALZA, 1994, p, 104). Este aspecto apresentou-se na nossa pesquisa como um dos mais “falhos”, pois, como já foi apontado, alguns professores não fizeram os registros durante o período proposto (durante o período letivo), outros fizeram mais de forma muito reduzida, nunca de forma espontânea e, sempre, quando o pesquisador estava por perto ou , ainda, quando fazia interferências com vistas à produção das reflexões e dos registros.

Em suma, como nossa pesquisa ainda encontra-se em fase de conclusão, estas foram, portanto, algumas das nossas impressões e reflexões em relação ao campo de pesquisa que usam os diários como instrumentais de construção de dados para pesquisas educacionais, mais também, como instrumental (método/técnica) de auto formação profissional docente por conta das reflexões que o mesmo sugere na sua elaboração.

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, F. C. O. **Encontro com a Realidade Docente**. Estudo exploratório (auto)biográfico. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, 3 Vols, Policopiado. 1997.

BUENO, Belmira Oliveira; CHANLIAM, Helena Coharik; SOUSA, Cyntia Pereira et al. (2006). **Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente** (Brasil, 1985, 2003), Educação e Pesquisa, 32/2, pp. 385-410.

BRITO A. E. Formar professores: discutindo o trabalho e os saberes docentes. In: MENDES SOBRINHO, J. A. M. C; CARVALHO, M. A. **Formação de professores e práticas docentes: olhares contemporâneos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p.41-53.

CANDAU, V. M. F. A formação continuada de professores: tendências atuais. In: REALI, A. M. de M. R.; MIZUKAMI, M. G. N. (Orgs.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: Edufscar, 1996, p. 139-152.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 29.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GUIMARÃES, V. S. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António e FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: 1998. MS/DRHS/CFAP

MINAYO, M.C.S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. São Paulo: Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Secretaria da Educação Média. Brasília: MEC/ SEM, 1999.

MIZUKAMI, M. G. N.; REALI, A. M. de M. R. (Orgs.). **Formação de professores: tendências atuais**. São Carlos: Edufscar, 1996.

NÓVOA, A. (Coord.). **Os professores e sua formação**. 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto: Porto editora, 2000.

\_\_\_\_\_. **Profissão professor**. 2. ed. Porto: Porto editora, 1999.

PEREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, A (Org.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992, p.21-37.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, Elizeu Clementino (2007), 'Histórias de vida e formação de professores'. Salto para o Futuro, TV Escola, SEED-MEC.

SILVA, Maria Helena S; DUARTE Maria da Conceição. ( 2001) O diário de aula na formação de professores reflexivos :Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, v.1, 2.

SCHON, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

TARDIF, M.; GAUTHIER, C. O professor como “ator racional”: que racionalidade, que saber, que julgamento? In: PERRENOUD, P. et.al. **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?** 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2001, p.185-210.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Os professores face o saber: esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria e Educação**, n.44, p.215-233, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os saberes profissionais dos professores: fundamentos e epistemologia**. Quebec: Universidade de Laval, 1995.

ZABALZA, M.A. **Diários de aula**. São Paulo: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_. **Diários de aula: contributo para o estudo de dilemas práticos dos professores**. Porto: Porto Editora, 1994.

NÓVOA, Antônio. Os professores e as histórias da sua vida'. In: Nóvoa (org.) **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

---

<sup>i</sup> Graduado em História, Mestrando em Educação - UFPI, pós-graduado *Latu Sensu* em História do Brasil e em História Sócio-Cultural, professor de História da Rede Pública Estadual, pesquisa a Formação e a Prática Docente no Ensino de História. (e-mail: juraglima@ig.com.br).

<sup>ii</sup> Professora Adjunto da UFPI/CCE, Doutora pela UFRN, compõe o quadro de professores do PPGEd/UFPI, pesquisa a Formação, as Práticas Pedagógicas e os Saberes Docentes.